

# Papéis invertidos

**ELIANE CANTANHÊDE**

**BRASÍLIA** — Na atual fase da campanha à Presidência da República, Ulysses Guimarães e Mário Covas são adversários diretos. Os dois serão fatalmente aliados no segundo turno, mas agora estão sofrendo os efeitos das pesquisas de opinião, que apontam inquestionável dianteira de Fernando Collor, estabilização de Leonel Brizola e a prioridade das demais candidaturas: disputar o estratégico terceiro lugar que, em setembro, irá inspirar o realinhamento político-partidário da sucessão.

O PMDB e o PSDB se digladiam no mesmo espaço de centro-esquerda de onde sairá esse terceiro candidato com chances de vitória — se é que Collor vai ter fôlego até a reta final. O lógico seria que, dentro desse espectro, Ulysses estivesse à direita de Covas. Afinal, o PMDB sempre teve maioria parlamentar conservadora, apesar do discurso progressista, e o PSDB já foi criado com maioria e discurso progressistas. Entretanto, o que se observa é que Ulysses e Covas estão invertendo os papéis: Ulysses foi empurrado para a esquerda por três convenções e uma acirrada disputa interna; Covas está sendo empurrado para o centro, ou para a direita de Ulysses.

É neste contexto que os tucanos articulam a escolha do vice de Covas. Ulysses divide sua chapa com o esquerdista Waldyr Pires. Covas tende a dividir a sua com um moderado que, ao mesmo tempo, tenha estatuto nacional e seja capaz de agregar à campanha preciosos apoios de setores do empresariado e das parcelas de centro ainda indefinidas nos demais partidos.

O vice ideal de Covas, na opinião do comando da campanha, é o senador paranaense José Richa. Ontem, contudo, Richa descartou essa possibilidade em reu-

nião com o também senador Fernando Henrique Cardoso, os deputados Euclides Scalco, Jaime Santana, Egydio Ferreira Lima e José Serra. Depois, telefonou para Covas em São Paulo, para transmitir sua posição, e explicou: "Eu não desisti de ser candidato, pois na verdade eu nunca fui candidato a vice".

No comitê de Covas, um outro vice potencial aguardava ansiosamente pelo resultado da reunião: o ex-presidente do Banco do Brasil, Camilo Calazans, que conta com a simpatia dos bancários, de representantes de pequenas e médias empresas e de áreas ligadas à agricultura. "Eu me coloco à disposição do partido, mas minha candidatura não será empecilho a articulações suprapartidárias", garantiu Calazans.

Ao falar em "articulações suprapartidárias", Calazans estava automaticamente retirando qualquer possibilidade de, por espontânea vontade, abrir a vaga para a deputada Moema São Thiago, do Ceará. Mas deixava implícito que não se queixaria se o candidato fosse o ex-governador Roberto Magalhães, de Pernambuco e do PTB. A questão é que a esquerda partidária não está unida com Moema, é dividida quanto a Calazans mas, principalmente, rejeita a hipótese Magalhães.

Se o partido está caminhando para o centro, isso não significa que queira perder sua identidade original de centro-esquerda, emprestada sobretudo por seus parlamentares mais diretamente vinculados à esquerda. "Não podemos virar as costas aos companheiros de primeira hora", disse Covas. "Não queremos uma frotura exposta", acrescentou o coordenador Jayme Santana.

Ulysses está em baixa. Covas está em alta. O risco de uma escolha errada do vice é especialmente crucial para os tucanos neste momento.